

EDUCAÇÃO, SAÚDE E FELICIDADE: A MORAL PRODUTIVISTA EM PROPAGANDAS ESCOLARES

Alita Carvalho Miranda Paraguassú¹

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise de algumas peças publicitárias de instituições educacionais de nível básico, a fim de encontrar certas regularidades, na dispersão de enunciados, com relação ao enfoque da educação brasileira, quer no aluno ou no professor. O *corpus* foi selecionado no meio virtual da internet e também nas ruas da Grande Goiânia, não havendo para os pesquisadores a necessidade de regionalizar esse *corpus*. A Análise do Discurso foucaultiana é, até o momento, a linha teórica mais adequada para a análise desse *corpus*, tendo em vista a sua flexibilidade em trabalhar com enunciados verbais e não-verbais. Para tanto, a análise a ser apresentada neste trabalho envolverá prioritariamente o conceito de saber e sua produção nas relações de poder, a organização dos saberes em formações discursivas e ainda as noções de bio-poder e bio-política, conforme Foucault. Por certo, seguindo nessa orientação foucaultiana, correspondente as suas fases arqueológica e genealógica, trataremos o enunciado como da ordem do acontecimento.

Essa análise justifica-se na medida em que como pesquisadores e leitores devemos investigar e reproblematicar as verdades já cristalizadas, compreendendo o por quê de essas verdades e não outras serem estabelecidas e regularizadas. Afirmando a ideia de um enunciado como uma irrupção, um acontecimento (FOUCAULT, 2009a), no meio de tantos outros, investigamos as peças publicitárias escolares não como enunciados de um discurso sobre a educação brasileira que simplesmente se repete, mas como uma nova ordem discursiva sobre a educação que irrompe no atual sistema produtivista. Em *A arqueologia do saber*, Foucault define o discurso como um conjunto de enunciados os quais compartilham das mesmas condições de existência, desse modo, falamos de um discurso jurídico, econômico ou, em nosso caso, educacional.

É justamente por essa concepção de que a educação no Brasil é sempre a mesma, e os problemas também os mesmos, que nos debruçamos sobre esses enunciados para interpretar

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG; alitaparaguassu@gmail.com.

² Professora do Departamento de Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG; elianemarquez@uol.com.br.

como temos conceituado e construído o saber sobre a educação brasileira, principalmente no que se refere às posições do professor e do aluno. Desde já adiantamos que a produção de novos efeitos de verdade sobre a educação e o professor só emergem a partir de transformações nas relações de poder mais vigentes e tradicionais, ou seja, transformações em determinadas relações cristalizadas como verdades universais e imexíveis.

Neste trabalho, analisaremos a regularidade de enunciados materializados em peças publicitárias, tendo como tema a educação. Essa regularidade nos permite analisar alguns saberes e verdades sobre o espaço e o tempo educacionais. Do mesmo modo, a construção desses saberes se dá efetivamente em meio a relações de poder, as quais determinam a força de verdade que tais enunciados possuem. . “A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2010, p. 14). Em nossa sociedade, por exemplo, os saberes biológicos e tecnológicos têm prevalecido sobre os saberes mais locais, portanto, os enunciados que se encaixam nesses discursos produzem um maior efeito de verdade.

NOÇÕES DE SABER E PODER EM MICHEL FOUCAULT

Durante seu percurso teórico, Foucault compreende o saber e o poder em uma constante relação de reciprocidade. De acordo com Roberto Machado (2006, p. 177), para Foucault “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber.” O saber funciona como uma corrente mantenedora das relações de poder entre os sujeitos, embora também possa provocar discontinuidades e rupturas. O poder, por sua vez, produz: individualidades – na medida em que nessas relações os indivíduos se identificam ou não com o outro – , verdades, saberes.

Para Veiga-Neto (2007), Foucault define o saber como articulado ao poder e como uma construção histórica. Saber e poder são os dois lados de um mesmo processo, entretanto, enquanto o poder flutua, não se ancorando em uma instituição, o saber se estabelece e se sustenta em elementos formais, podendo ser apreendido, ensinável, manuseado.

Mas como analisar essa relação saber-poder? Conforme nos afirma Gregolin (2006, p. 95), “Foucault entende o saber como um conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva.” Em sua fase arqueológica, Foucault analisa os discursos como práticas

que obedecem a regras, no entanto, não busca a origem dos discursos. Nas próprias palavras de Foucault (2009a, p.158), “Não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso–objeto”. Portanto, não nos interessa analisar um saber de modo a estabelecer as suas origens, e sim de maneira a interpretar os mecanismos que possibilitam a sua manutenção e dispersão.

Em *A ordem do discurso*, (2009b), obra na qual Foucault empreende o que denominamos como sua fase genealógica, o pensador define a parte genealógica da análise como aquela que se detêm na efetivação do discurso, ou seja, procura “apreendê-lo em seu poder de afirmação” (p.69). Assim, as relações entre os discursos e os saberes envolvem relações de poder, sendo este, para Foucault (2010), também constituído pela resistência. Portanto, ao analisar o efeito de verdade produzido por um determinado discurso em detrimento de outro, estamos também analisando uma relação construída hierarquicamente entre saberes que se correlacionam.

Em seu livro *Em defesa da sociedade*, Foucault discorre sobre o século XVIII como um período em que os saberes foram disciplinados, trata-se de uma homogeneização, normalização e centralização dos saberes. Buscando compreender esses processos de centralização, Foucault se debruça, então, não sobre os saberes localizados no topo dessa hierarquia, mas analisa justamente os saberes descentralizados, se debruça sobre “uma insurreição de saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.” (FOUCAULT, 2010, p. 171). Em nossa sociedade o discurso científico e clínico são legitimados para produzirem os efeitos de verdade que regem os demais discursos, inclusive o discurso educacional.

Assim como procura analisar o poder não em uma instância entre dominadores e dominados, e sim por uma perspectiva de um poder capilar e molecular, funcionando em cadeia, Foucault pretende estudar os saberes locais e descontínuos. Do mesmo modo como o poder se espalha por toda a malha social, a produção de saberes também irrompe nessa rede complexa e periférica. A fim de estudar essas relações de saber e poder, Foucault fundamenta-se em dois tipos de análise: a análise arqueológica e a análise genealógica.

Segundo, Foucault, em *Genealogia e Poder* (2010), a genealogia, ou análise genealógica, seria um empreendimento para libertar os saberes históricos de “um discurso teórico, unitário, formal e científico”(2010, p.172). Na análise genealógica interpreta-se a emergência de saberes

em meio às relações de poder. Em *Soberania e Disciplina* (2010), Foucault afirma que seu intuito é captar o poder na sua extremidade cada vez menos jurídica, ou seja, o poder não está ligado somente ao Estado ou a outras instituições formais, mas se movimenta em todas as relações sociais e passa por todos os sujeitos.

Quanto ao objeto, em sua fase arqueológica, Foucault estudou a construção dos saberes sobre o homem na modernidade, como por exemplo, a segregação entre o louco e o normal, o patológico e o saudável. Em sua fase genealógica, estudou o poder manifestando-se no que temos de mais concreto: nossos corpos. Traça uma linha de acumulação de poderes desde o poder soberano até o poder pastoral, o poder disciplinar, o bio-poder e a bio-política. Seguindo as próprias orientações de Foucault, não nos restringiremos a um método arqueológico ou a um método genealógico, visto que

A crítica[método arqueológico] analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular. Na verdade, estas duas tarefas não são nunca inteiramente separáveis(...) (2009b, p.65).

Portanto, para Foucault e para a nossa análise deve-se compreender essa proliferação de discursos e saberes de forma dispersa e regular. Devido à regularidade de enunciados contida em nosso *corpus* daremos maior ênfase ao poder disciplinar e ao bio-poder, no entanto, isso não equivale a afirmar que os saberes sobre a educação não emergem de uma relação entre os poderes pastoral e soberano. Aliás, o discurso de um professor como um missionário e um redentor da humanidade se afirma justamente em relação a esse não desaparecimento do que é característico da soberania e do pastor. No entanto, focaremos o adestramento dos corpos-alunos na escola, por isso, a seguir falaremos sobre o poder disciplinar e o bio-poder.

O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS

Antes que se inicie a análise é necessário discorrer sobre as categorias a serem utilizadas nesse processo de leitura: o poder disciplinar e o bio-poder, ambos estabelecidos como relações de poder entre sujeitos, discursos, saberes e não como um poder metafísico imposto igualmente sobre todos os sujeitos e suas manifestações.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault analisa a manifestação dos poderes soberano e disciplinar sobre os corpos, aquilo que possuímos de mais concreto. Selecionando textos dos séculos XVII

e XVIII realiza uma descrição e análise do poder do soberano sobre os corpos de seus súditos, de maneira que a própria presença física do soberano garantia a realidade política desse sistema, anterior ao desenvolvimento do capitalismo (2007a; 2010). Os corpos dos súditos pertencem ao soberano e o suplício serve como exemplo do que os bons servos não devem fazer. O suplício é um castigo ao súdito que se rebeldia contra a presença física e política do rei. É em verdade uma técnica, regida pela lei, que trabalha o sofrimento de maneira graduada e deixa no corpo do supliciado marcas que não devem se apagar.

A punição era, portanto, um espetáculo do qual a população também participava. O condenado era levado a confessar os crimes dos quais era acusado. Era necessário se humilhar e implorar ao rei o fim da mutilação de seu próprio corpo. Além disso, os juízes também exerciam um poder soberano, pois todo o processo de julgamento, contendo provas e acusações, se dava de maneira sigilosa. O condenado apenas tomava conhecimento de sua pena.

Para Foucault (2007a, p.25),

o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (...).

Desse modo, a partir dos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento industrial, desenvolve-se uma nova mecânica do poder, era necessário extrair dos corpos tempo e trabalho em favor da sociedade. Uma perspectiva totalmente religiosa e fundamentada nos preceitos católicos e cristãos cede espaço ao olhar mais científico, racional e detalhado. O suplício e a mutilação dos corpos se tornaram técnicas prejudiciais ao desenvolvimento econômico do sistema capitalista que se instaurava. Segundo Foucault, em *Soberania e Disciplina* (2010), essa nova economia do poder multiplica as forças dominadas e aumenta a força e a eficácia de quem as domina, através de um olho vigilante que vê sem ser visto.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2007a, p.119).

O corpo dos condenados não pertence mais ao rei, mas passa a ser tratado como um bem social. As penas são suavizadas e os juízes não são mais os donos da verdade. O processo de condenação agora exige investigação e provas fundamentadas, além de garantir a heterogeneidade das penas de acordo com as peculiaridades de cada crime e dos personagens envolvidos. Objetiva-se utilizar os corpos dos condenados da maneira mais útil possível. Prevalencia a ideia geral de aqueles que se submetem à prática criminosa o fazem por vadiagem e preguiça, portanto, o melhor castigo seria emprega-los.

Prosseguindo em sua fase genealógica, Foucault analisa o desenvolvimento de um direito político no século XIX, no qual o poder de se deixar viver e fazer morrer, exercido pelo soberano, se inverte em um fazer viver e um deixar morrer. Enquanto nos séculos XVII e XVIII apareciam técnicas de poder centradas no corpo individual, tornando-o uma força útil e dócil, desde a segunda metade do século XVIII desenvolve-se uma tecnologia que investe sobre a massa, sobre o corpo social.

Nas palavras do próprio Foucault (2005), essa nova tomada do corpo pelo poder se faz em direção a um “homem-espécie”, movimento denominado como uma “estatização do biológico”. Promove-se uma gestão calculista da vida chamada de bio-poder. Essa nova responsabilidade do sistema político de encarregar-se da vida se manifesta em forma de estatísticas, campanhas, normas e fundamenta-se em um discurso científico. Trata-se de “distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade” (FOUCAULT, 2007b, p. 157). O detalhamento e o conhecimento científico sobre o corpo assumem um primeiro plano, afinal para que um corpo seja útil, além de submisso é necessário que ele seja saudável. Essa gerência da vida, denominada como bio-poder e bio-política, não escapa a um poder disciplinar, pois o conhecimento detalhado dos corpos e o conhecimento de suas relações com o que lhe é exterior permitem utilizá-lo de maneira disciplinar, ou seja, visando o bem do corpo coletivo.

Em *Poder-Corpo* (2010) Foucault nos afirma que no decorrer do século XIX o enfoque é o corpo da sociedade, e não mais o corpo individual. Esse corpo será protegido de modo quase médico e as técnicas do suplício são substituídas pelas da assepsia. Cuida-se de um novo corpo, um corpo múltiplo: a população. A bio-política, esse cuidado e essa gestão da população, implanta mecanismos que enfocam previsões, estimativas e medicações globais. A população não é apenas um problema político, mas científico e biológico. Não são apenas as leis que impõem o que podemos ou não fazer com os nossos corpos e com os corpos dos outros, mas sobretudo as

normas, regras “naturais”, é que vão nos orientar, na sociedade moderna, a como cuidar dos corpos para que eles vivam de maneira mais útil, saudável e durem mais tempo. Vivemos uma sociedade da normalização cuja “jurisprudência será a de um saber clínico” (FOUCAULT, 2010, p.189).

Para Foucault (2010), não ocorre o desaparecimento de um poder ao aparecer uma nova tecnologia ou mecânica de poder sobre o corpo. Há uma acumulação e uma acomodação entre os poderes do soberano, o poder disciplinar e a bio-política. A ideologia do poder soberano ainda prevalece na medida em que sempre devemos obediência a algo ou alguém, há uma hierarquia que não pode ser desconsiderada. O poder disciplinar se conjuga com o bio-poder e com a bio-política de modo que se busca, na sociedade atual, formar corpos úteis e saudáveis, através da organização do tempo, através do treinamento e mesmo da disciplina alimentar.

Certamente, a preocupação com a formação de um corpo útil e saudável não se restringe ao espaço escolar ou aos empreendimentos financeiros, são frequentes na mídia campanhas e informações sobre a alimentação, a prática de exercícios físicos, as cirurgias estéticas. Até mesmo a discussão sobre a beleza baseia-se em dados científicos e comprováveis. A importância do detalhe e o olhar clínico enfocam cada vez mais nessa busca da eternidade do corpo e do apagamento da velhice e da morte. Principalmente numa sociedade em que os jovens têm menos filhos, preservar os corpos já existentes de maneira produtiva é essencial para prevenir prejuízos futuros ao sistema capitalista. Todos os diferentes espaços discursivos, como a escola, a academia, a indústria, a casa estão de alguma maneira interligados e refratam preocupações semelhantes, por ora nos limitaremos ao campo escolar.

O CORPO-ALUNO NA TRAMA DISCURSIVA

Retomando o nosso objeto de estudo, o discurso sobre a educação, e o *corpus* selecionado, propagandas de escolas, intentamos mostrar agora ao leitor a manifestação da acumulação entre o poder disciplinar e o bio-poder sobre os corpos materializados nas peças publicitárias escolares, já adiantando que se trata especificamente dos corpos de alunos.

Compreendemos a escola como um espaço de intensa produção e movimentação de conhecimentos e saberes, incluindo os saberes sobre o corpo, afinal, é nesse espaço onde as crianças aprendem sobre o seu próprio corpo, sobre sua relação com o meio-ambiente e sobre a sexualidade. É no espaço escolar que os sujeitos iniciam um processo de socialização com o

desconhecido, respeitando aqueles que não fazem parte de seu núcleo familiar. Essa sociabilização disciplinar é o que permitirá o convívio em espaços diferentes, com rotinas, normas e sujeitos diferentes. A escola seria o lugar onde o sujeito torna-se cidadão e onde a sociedade constrói o seu equilíbrio, o seu bem-estar coletivo.

Na primeira figura, selecionada para o nosso *corpus*, temos a visualização de um corpo masculino, branco, nem magro nem obeso, que se entorta para carregar uma pilha de livros em um dos braços e com o outro segura a mochila, a qual se transforma em um par de asas constituído por inúmeras figuras as quais funcionam como instrumentos de contato, representação e conhecimento do mundo: notebook, livros, lápis, gravatas, instrumentos musicais, um globo terrestre, máquina fotográfica, filmadora, fone de ouvido, cadernos, uma prancha, fotos, uma calculadora e é claro, não poderia faltar um estetoscópio.



Essa imagem de “anjo” assemelha-se ao símbolo da justiça, a Deusa Dice que segura em uma das mãos a espada e na outra ergue uma balança, continuando com os ombros eretos e representando o equilíbrio, o corpo do aluno nessa propaganda pende para os livros e o conhecimento normatizado, no entanto, as asas, compostas por elementos também não formais, restauram o equilíbrio de sua coluna. Poderíamos também retomar o mito das asas de Ícaro, no qual as asas podem ou não auxiliar na fuga de uma prisão. Mas esse par de asas não pertence ao corpo do aluno nem ao corpo de Ícaro, é uma instrumentalização. Seja retomando a figura de um

anjo, da Deusa Dirce ou de Ícaro, essa imagem ressalta o caráter de um corpo não limitado por condições humanas – afirma-se o sucesso, a conquista, o equilíbrio, a proximidade aos céus.

Desse modo, interpretamos nessa propaganda a escola como a instituição normalizadora do indivíduo, garantindo a supressão dos desequilíbrios, desvios e ineficiências dos corpos. A escola forma e instrumentaliza os corpos dos alunos para alcançarem seus objetivos. As asas não fazem parte apenas de uma abstração, de uma metáfora, mas sim do próprio corpo. Nas asas não são representados apenas o conhecimento e a imaginação, mas a possibilidade de se criar, por vias humanas e racionais, uma transformação e uma melhor utilização das potencialidades do corpo. Também há a utilização de recursos variados de aprendizagem que darão asas ao conhecimento e ao saber, não só cognitivo, mas corporificado. Nessa propaganda o corpo humano é trabalhado sobre saberes com respeito a sua estrutura física, muscular e o seu contato com o mundo.

Na figura II, é o aluno negro e também jovem que exprime o corpo como uma arcada esquelética e muscular forte. O cabelo raspado do aluno e o sorriso no rosto – expressando conquista – retomam o enunciado verbal da aprovação no vestibular, contido na peça publicitária. Mais uma vez a coluna não se encontra ereta, agora por outro motivo: o corpo salta no ar em um golpe de fúria e vitória. A não estabilidade do corpo desse aluno propicia a sua individualização dos demais corpos, corpos de sujeitos que ao lerem a revista certamente não apresentam esse mesmo desvio e movimentação corporal. Vale ressaltar que a imagem de um negro, saudável e com músculos delineados nos braços retoma a ideia presente no imaginário brasileiro de um guerreiro, de um escravo que se liberta e supera o seu senhor. Nessa propaganda há o enfoque em um corpo saudável, ativo, flexível, adaptável aos obstáculos da vida estudantil. Desse modo, ressalta-se um corpo no qual se materializam o poder disciplinar e o bio-poder, ambos não constroem corpos fracos e frágeis.

cher, Alessandra e Statham também. Salma levou seu próprio milionário, o marido francês François-Henri Pinault. Renato e sua turma não foram — passaram a virada num restaurante-club, o Nikki Beach. Com muitos meses de atraso, os tabloides ingleses descobriam sua situação algo reforçada.

Depois dos shows, dos champanhes, dos fogos de artifício e de todos os outros habituais acompanhamentos, o dia raiou glorioso sobre as vilotas de telhados vermelhos e as águas de safras líquidas que circundam as praias, todas públicas até Abramovich e a mulher, a linda e chique Daria Zhukova, milionária por direito próprio, abrem um portozinho na sua propriedade para pisar na areia. Nada que o resto do Caribe não tenha. Mas o resto não é St. Barts.

BERMUDÃO Abramovich, simplista verso St. Barts, a casa dele é o mais cara, o barco dele é o mais

■ **A** cabine principal e a ponte de comando tem vidros e paredes blindadas

■ Tem 24 cabines para hóspedes, duas piscinas, cinema, pista de dança e aquário

■ A tripulação é de sessenta elementos, a maioria com experiência militar

■ Foi construído num estaleiro alemão a um custo calculado em 1 bilhão de dólares

■ **H**oloponto

O SEU
mpo de futebol — e mais um pouco

Maklum, Bem atrás dos dois vêm os barcos de passeio de uma flota de potentes que habitualmente não ficam no chuveiro de ninguém; o do sultão de Omã, o do rei da Arábia Saudita, o do presidente do Egito e o do príncipe herdeiro da Arábia Saudita (já estamos, a essa altura, em metros 139 metros). Abramovich já era dono de outros três, mas o gostinho de ostentar o maior não tem preço. Ou tem — no caso, cerca de 1 bilhão de dólares. O custo de manuten-

ção é calculado em 50 milhões de dólares por ano; o de encher o tanque, por assim dizer, 650.000 dólares de cada vez. Razoável para uma fortuna de 11 bilhões de dólares, construída a partir de zero na Rússia pós-comunismo, com os métodos notórios do gênero, quase no mesmo tempo e da mesma forma que o ex-oligarca Mikhail Khodorkovsky. Este se estranhou com o todo-poderoso Vladimir Putin e foi para a Sibéria; Abramovich se entendeu e foi para St. Barts.

FORTE NO ENSINO FORTE NA APROVAÇÃO

O material do Ensino Médio Dom Bosco possibilita o melhor preparo dos alunos para as várias formas de vestibular adotadas no Brasil.

Com história de 50 anos e uma proposta pedagógica inovadora, o Sistema de Ensino Dom Bosco permite que suas escolas conveniadas trabalhem de uma maneira mais contextualizada, interdisciplinar, moderna e versátil, o que resulta em aprovação nos principais vestibulares.

Os testes e as atividades do material mesclam a forma clássica com a nova proposta pedagógica exigida pelos melhores processos seletivos do país, ampliando o conhecimento dos alunos e também sua capacidade na resolução de problemas.

• PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DOCENTE
• PORTAL DOM BOSCO • MARKETING E GESTÃO ESCOLAR

LANÇAMENTO 2011

e-TV DOM BOSCO

TV Dom Um canal de comunicação com conteúdos exclusivos que atendem as necessidades da escola.

SISTEMA DE ENSINO
DOM BOSCO
www.editoradombosco.com.br

Nas duas últimas propagandas escolhidas para este artigo visualizamos os corpos dos alunos vestidos de moda e estilo. Embora com uniformes, os alunos não são posicionados como uma coletividade homogênea, há uma organização dos corpos de maneira que as diferenças sejam destacadas mas permaneçam em um mesmo plano. Tanto as características físicas quanto a maneira de usar o uniforme, o que representa uma característica normalizadora da escola, são diferentes. Brancos, negros, com cabelos longos e curtos, claros e escuros, o jeans e a mochila, um casal, essas pluralidades e subjetividades encaixam-se em uma padronização e normalização dos corpos na escola do ocidente. Escolas voltadas para o corpo e a moda jovens, para os corpos saudáveis e “anteados”. Não é apenas o saber sobre o corpo biológico e sexual dos alunos que constrói os enunciados dessas peças publicitárias, mas o saber sobre como instrumentalizamos e revestimos os nossos corpos diante do meio e dos outros.



Trata-se de materializar os corpos dos alunos de maneira que eles expressem a preocupação contemporânea com o bem-estar do corpo e da alma, os corpos representados nessas propagandas são constituídos pelo bio-poder. A escola não apenas adentra e disciplina os corpos de maneira a formar uma massa homogênea e produtiva, e sim, com a perspectiva competitiva do nosso sistema de produção de realçar as peculiaridades de cada indivíduo e de cada corpo beneficiando um coletivo. No entanto, não é apenas esse discurso tecnicista que se materializa nessas peças publicitárias, mas também um discurso sobre a escola como a formadora de um ser humano total, de um cidadão, com conhecimentos para o mundo e não só para o mercado. O poder disciplinar e o bio-poder cooperam para a construção desse corpo humano formado para conviver com os outros e garantir o equilíbrio desigual da sociedade.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: CORPOS DÓCEIS E SAUDÁVEIS.

A partir da leitura dos enunciados acima podemos afirmar de fato que o nosso objeto de nossas investigações não é propriamente o discurso sobre a educação, algo bastante amplo, mas o investimento da escola sobre o corpo dos alunos, ou seja, a discursivização do corpo-aluno. Desejamos analisar como a escola participa da constituição da representação dos corpos e quais saberes estão fundamentando essa constituição, saberes que regem o comportamento juvenil e a identidade desse corpo. Não são apenas saberes relacionados ao corpo biológico, mas a aspectos econômicos, políticos e mesmo questões filosóficas sobre a alma, o prazer e a felicidade.

Esse corpo jovem, além de saudável e belo, é maleável, flexível, adaptável e sente prazer. Desse modo, a escola funciona como um dispositivo do bio-poder e da bio-política, formando corpos dóceis, saudáveis e produtivos. A competitividade do nosso sistema produtivo e a cobrança de ao mesmo tempo ser útil, submisso e contentar-se com isso são enormes. Frequentemente são lançadas na mídia informações e verdades sobre a saúde dos corpos, portanto, não restritas ao consultório médico. O estímulo desse cuidado com o corpo retoma um discurso também cristão de compreender o corpo como o templo de uma divindade (I Coríntios:6), e a orientação bíblica dada aos homens de cuidarem de suas esposas como se cuida do próprio corpo (Efésios:5).

Saberes construídos em diferentes áreas, como a medicina, a economia, a nutrição, a filosofia, a religião, a arte, apropriam-se do corpo e são resgatados nas propagandas escolares de modo a investir a escola como o espaço onde os corpos serão melhor trabalhados para o futuro. Esses corpos bem elaborados constituem um imaginário de eternidade do corpo que dialoga com

a efemeridade dos produtos consumidos no capitalismo. Enquanto as “coisas” são descartadas e substituídas rapidamente, o corpo jovem é eternizado, valorizado e desejado. As deformidades são encaixadas no ramo da patologia e a morte se torna um tabu. Há uma transformação nas relações de poder mais periféricas, como a família, nas quais o corpo velho e idoso ou é desprezado ou é rejuvenescido e o corpo infantil e em fase de crescimento recebe extremos cuidados.

As instituições educacionais acabam por reproduzir a apropriação dos corpos que é feita em outros âmbitos, como o mercado profissional. Não que o poder da escola sobre o corpo seja de todo negativo, mas que deva ser realmente avaliado.

REFERÊNCIAS

BÍBLIAONLINE. <<http://www.bibliaonline.net/acessar.cgi?pagina=pesquisa&lang=pt-BR>> Acesso em: 19 Mar 2011.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 34.ed. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.

FOUCAULT, M. Aula de 25 de Fevereiro de 1976. In: _____. *Em defesa da sociedade*. Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 199–223.

FOUCAULT, M. Genealogia e Poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010. p. 167–177.

FOUCAULT, M. Soberania e Disciplina. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010. p. 179–191.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010. p. 1–14.

- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 18.ed. Trad.: Albuquerque e Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.
- GREGOLIN, M. R. . Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. In:_____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 2.ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006. p. 65–110.
- MACHADO, R. Epistemologia, arqueologia, genealogias. In: _____. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 143–181.
- MEDEIROS, Rayssa. *Há escolas que são asas*. Produtores Felipe Rocha; Jardel Amorim. Teresina (PI): Produtora Nova Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.colegiosapiens.com/docmostra.php?id=39>>. Acesso em: 20 fev. 2011.
- MARKETING EDITORA DOM BOSCO. *Forte no ensino. Forte na aprovação*. Produtor Bruno Baccan. São Paulo: Marketing Editora Dom Bosco; Sistema de ensino Dom Bosco. Studio Luxlab. In: ABRIL. *VEJA*. São Paulo: Abril, nº2, ano 44. p.97.
- O SEU ESTILO. Produtor João Wilson. Produtora JW Studio Design Pro. Goiânia (GO), 2011. Arquivo Pessoal.
- PLANETA. Produtor Carlos Filho. Produtora Gráfica HM. Goiânia (GO), 2011. Arquivo Pessoal.
- VEIGA-NETO, A. O poder-saber. In: _____. *Foucault & a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 117–131.